



O improvisador napolitano

Chamam-se improvisadores os individuos que, repentinamente e sem de antemão se prepararem, recitam uma certa quantidade de versos sobre um determinado assumpto. Esta especie de versificadores é mais frequente na Italia, do que em parte alguma do mundo, talvez porque a estrutura da lingua italiana, esse ecco feliz da lingua dos antigos romanos, torna mais facil a versificação e 'o rythmo. Acompanham-se os improvisadores ordinariamente com a guitarra, com uma certa cadencia de canto: e assim vão desenrolando centos, ás vezes milhares de versos, e até dramas completos. Não se imagine, porem, que esta especie de poesia repentina seja dos melhores quilates; poucas são, na verdade, as composições de tal natureza que sustentar possam a prova da publicação; mas ao menos teem o merecimento da fluencia da linguagem e da applicação rapida de idéas accessorias e de imagens ao objecto principal, que fixam a attenção e excitam a surpresa dos ouvintes.

Alguns improvisadores tem havido de verdadeiro genio poetico, e desses são, effectivamente, superiores as composições. Um frade agostinho, por nome, Frey Philippe, cego, que vivia no pontificado de Sixto V, diz-se ter feito maravilhas neste genero. Em nosso tempo, Gianni, de Genova,

homem de extraordinario talento poetico, foi o improvisador da corte de Napoleão, com um bom ordenado; e Sgricci, de Florença, veio a ser mui conhecido em toda a Europa, pelo exercicio da sua arte em varias capitães. Tambem o sexo gentil tem tido excellentes improvisadoras.

Temos fallado dos improvisadores; fallemos agora do quadro que a nossa estampa representa. — Leopoldo Roberto, do qual demos já uma copia do quadro dos *Pescadores do Adriatico*, teve a encommenda de um que representasse *Corinna improvisando no Cabo Miseno*. O pintor poz mãos á obra, e muito adiantados tinha já os accessorios, quando lhe surgio a dificuldade de traçar caracteristicamente a principal figura, a de Corinna, e de lhe dar o traje conveniente. Fez todas as tentativas, e sempre a sua imaginação a arrastal-o a substituir a figura de Corinna pela de um improvisador. A pessoa que encommendou o quadro não esteve pela substituição. Leopoldo Roberto riscou a figura de Corinna, que por fim tinha esboçado, e lhe substituiu a de um *improvisador napolitano*, e assim ficou definitivamente o seu quadro, que ainda hoje mercede muitos gabos.

Por este quadro deram a Leopoldo Roberto 700\$000 réis; e bem merecia o quadro esta som-

ma, pois que, a despeito de uma certa falta de harmonia e de unidade de composição, brilha pela cadencia das linhas, pela elevação e pureza do estylo, pela escolha dos promenores. Um apreciador competente, M. F. Feuillet de Conches, que, aliás, não se esquece da apontada falta de unidade de composição, diz que neste quadro fez Leopoldo Roberto bastantes esforços por dar relevo á sua *maneira*, e elevar-se, á força de naturalidade, de verdade de expressão e de colorido, ao nível do genio creador.

*Amigo redactor.* — O romance que com esta lhe offereço, para ser publicado nas columnas do *Panorama*, é producção de um illustre açoriano, distincto por sangue, e que não tardará em selo também por letras, a julgarmos pelas amostras que do seu talento e estudo nos tem já apresentado em alguns jornaes do continente e ilhas. Para os que, todavia, o não conhecerem, traçarei aqui os seguintes brevissimos delineamentos biographicos, que v. poderá, querendo, antepor em guiza de prefacio ao mesmo romance na publicação que delle fizer.

O sr. dr. Vicente Machado de Faria e Maia é natural da ilha de S. Miguel, e conta, actualmente, de idade vinte e nove annos. Oriundo de uma antiga e nobre familia da mesma ilha, é, pela parte materna, neto do nosso eminente juriconsulto, erudito litterato e insigne poeta dr. Vicente José Ferreira Cardoso da Costa, uma das mais vastas capacidades que Portugal tem produzido nos ultimos tempos. Depois de cursar com aproveitamento em Coimbra os estudos universitarios, e de tomar o gráo de bacharel em direito no anno de 1869, o sr. Vicente Machado, deseioso de ampliar os seus conhecimentos, emprehenheu uma viagem de instrucção pela Europa, percorrendo successivamente Hespanha, Inglaterra e Franca, até que houve de regressar á sua naturalidade no anno seguinte, afim de exercer o cargo de secretario geral do districto de Ponta-Delgada, para que fôra entretanto nomeado pelo governo.

Dedicando-se principalmente aos cuidados economicos e administrativos, de que tem dado tão copioso fructo, como se mostra do *Relatorio da administração do districto*, por elle elaborado na qualidade de governador civil interino, e apresentado no ministerio do reino, e que tão vantajosamente foi commemorado por toda a imprensa periodica, nem por isso desdenha de occupar-se igualmente com os estudos de litteratura amena, intercalando-os como util diversão de outros mais profundos, e proprios da sciencia que professa. Varios artigos seus sobre liberdade de commercio, propriedade litteraria, biographias dos principaes chefes das differentes escolas de economistas, etc., tem sido publicadas no *Instituto de Coimbra*, e na *Esmeralda Atlantica*. Como fructos das horas vagas (que os nossos antepassados diziam *subsecivas*) conserva ineditos alguns romances açorianos *de costumes*, a que os trabalhos proprios do cargo que exerce o impedem de pôr a ultima lima.

Um destes, e o que maior predilecção lhe deve, é a *Beatriz, ou scenas da vida intima dos Açores no seculo XVIII*. S. ex.<sup>a</sup>, com a benevolencia

que o distingue, e de que faz para comigo largo uso, offereceu-m'o para que o fizesse publicar em algum jornal á minha escolha. Ahi lh'o remetto pois, e creio que o presente não é para desagradecer.

Sou com affecto e estima etc. etc.

S. C. 1 de junho de 1867.

*Innocencio Francisco da Silva.*

## BEATRIZ

*Scenas da vida intima dos Açores no seculo XVIII*

### I

A historia mui veridica, que ora vos vou contar, ouvi-a nas Furnas a um cavalheiro bem conhecido e illustre desta ilha, o morgado de . . . , fidalgo tão distincto pelo nascimento, como pelos dons do espirito, nobreza do coração e singularidade de sua vida.

O morgado de . . . teria 50 annos em 1854. Era, porem, ainda um homem, cujo coração não parecia ter 30 e cuja physionomia não representava mais de 40.

Este cavalheiro fôra meu amigo desde o alvorecer da vida. Haviam, porem, passado alguns annos, depois que deixára de o ver. Corria o verão de . . . e estavamos ambos nas Furnas, quando elle me convidou uma manhã, para o acompanhar ao parque do sr. Visconde da Praia. Foi num domingo, pelas 10 horas, que entrámos no pittoresco jardim do digno par. Não se ouvia, então, ali, senão o murmurar das aguas, que cáem no tanque, e das que serpenteam atravez dos campos matizados do valle. Seguimos ao longo do tanque, pela parte do norte, onde fica a escadaria, pela qual se sóbe para a casa do nobre visconde. Poucos instantes depois engolfamos no bosque do parque. As folhas das arvores, em que os raios do sol se reflectiam com magicos effeitos, assombravam aquelle sitio e tornavam-no propicio á melancolia e aos devaneios poeticos e romanescos. Percorremos o bosque, parando ora para ler um nome aberto em alguma arvore, ora para admirar a grossura dos troncos, ora para scismar tão sómente. Assim fomos caminho do frondoso olmo, junto do qual é costume encontrar-se a maioria da sociedade que se acha nas Furnas. Como eram apenas 11 horas, só estavamos, naquelle logar, tres senhoras, mui elegantes e vestidas a primor. Uma dellas, sobretudo, que teria 16 annos, se avantajava pela delicadeza das fórmas. Tinha olhos e cabellos negros de azeviche e de um avelludado encantador, e nos voluptuosos labios de coral se divisava um sorriso malicioso. Com essa expressão maldosa casava-se, comtudo, um olhar melancolico e repassado de muita bondade. Affeita a leituras romanticas, o sentimento exaltara-se-lhe em extremo. Notoriamente excentrica, comprazia-se em se dar por uma natureza arrebatada e insensivel ao amor e ás bellezas do campo. As suas commoções, porem, traíam-na, e por mais de uma vez a surprehendemos enlevada ante alguma bella paizagem, com os seus olhos tão formosos arrasados de lagrimas. Lembra-me bem que a ultima vez, que a colhi, assim, em flagrante contrariedade com as suas revelações, sobre o seu character, foi no P . . . da V . . . , e a segunda, num bote, no lago das S . . . C . . . , em que ella dizia, em confidencias, a uma

a miga, tão sympathica como ella, que um dos sonhos dourados da sua infancia era poder vagar num batel, suavemente embalada pelas ondas do mar e entregue a um doce imaginar.

Alma mais poetica do que a dessa senhora nunca a encontrei por vida minha. Imaginação, muito para se descrever num longo romance, era a dessa encantadora menina, cujos olhos pretos se volviam, então, com anciedade, para as paginas de um livro, que depois soube que era a *Melvina* de mademoiselle Cottin. Hoje, ainda mal, esses olhos, que promettiam arder por tanto tempo e incendiar tanta paixão, já os cobre a terra.

Mal comprimentámos essas senhoras, sentámonos num dos canapés de ferro do parque, e estivemos por algum tempo entregues ao mais profundo silencio, enlevados pelo murmúrio das aguas, pelos cambiantes das flores, que vicejam no jardim e se reflectem nas suas aguas, e pela vista daquellas senhoras, que se nos affiguravam as fadas do valle.

— Sitio para amores — disse eu, sorrindo, ao meu companheiro, quebrando o silencio que, até então, guardáramos — e parece incrível que não tenha havido por aqui muitos.

Um sorriso foi a unica resposta que elle me tornou. Pouco depois, porém, acrescentou:

— Cuida o meu amigo que os não sentiram aqui mais de um coração virgem dessas affeições?

— Não duvido — lhe repliquei eu — mas se elles algum dia tiveram por theatro estes lugares, ou esqueceram de todo, ou ficaram sepultados na memoria de quem os teve.

— Ou na minha — notou elle.

Quando lhe ouvi isto, exultei de prazer e para logo lhe pedi que me contasse a historia daquelles amores.

A menina dos olhos pretos, mal percebeu a promessa do morgado, acercou-se d'elle e pediu-lhe para o ouvir. Instantes depois fomos, com aquellas tres senhoras, para debaixo de um chorrão do parque, que se debruça sobre as aguas da ribeira, que corre ao lado do predio, a fim de ouvirmos a historia do meu amigo, que resava assim:

## II

Haverá 80 annos que o valle das Furnas era mui outro que hoje nos apparece. Casas que por ahí alvejam, jardins que nelle florescem não existiam. Onde, agora, viceja a hortensia descommunal, maravilha de naturaes e estrangeiros, só verdejavam arbustos e flores silvestres, e nem por isso era menos pittoresco do que em nossos dias. Nas suas choças e campos bravios offerreia mais encantos do que hoje com as suas casas e jardins. É que a natureza virgem ostentava-se, então, com todas as suas galas, e a mão do homem não tinha ainda levantado ahí esses edificios, muitos dos quaes são construidos sem gosto.

O Valle das Furnas era, porém, já sitio para amores. Delle se namorou então o sr. Hickling, que ali formou o parque que hoje é do sr. Visconde da Praia, onde aquelle cavalheiro edificou uma excellente casa.

As unicas casas nobres que, nesse tempo, haviam no valle, eram as dos srs. Hickling e Alvaes Cabraes.

Nos salões daquelle cavalheiro se reunia já a flor da sociedade dos Açores e dos estrangeiros que, eventualmente, demandavam o porto desta ilha, e por isso foram elles um dos grandes elementos da sua civilisação. Mais tarde ali se acharam em trato familiar o conde de Vargas Bedemar, o doutor Vicente José Ferreira Cardoso da Costa, Prescott (1) e muitos outros cavalheiros illustres.

Corria o verão de . . . e o sr. Hickling estava nas Furnas com a sua amavel familia. Algumas pessoas dos Açores estavam ali tambem. Entre ellas se distinguia, pelo seu nascimento e riqueza, D. Ignez Maldonado de Lencastro, viuva de Nuno de Lencastro, senhor do morgado de Lencastro e fidalgo da casa real.

Tinha D. Ignez uma só filha, Beatriz de Lencastro, unica herdeira dos grandes vinculos de seu pae.

Beatriz era formosa, não só rica. Poucos typos de belleza ideal tão perfectos como o della se encontram na terra. reunia ás feições mais delicadas e distinctas as mais airozas e elegantes formas do corpo. Uma aureola de cabellos negros, mui densos, lhe assombrava as faces pallidas. Nos olhos castanhos, escurecidos por longas e espessas pestanas, se lhe reverberavam os sentimentos mais nobres do coração, e nos labios purpurinos lhe brincava um sorriso tão de Deus, que a tornaria por um anjo baixado do céu e prestes a tornar-se para lá. A testa dir-se-ia modelada por mãos de estatuário grego, e terminava por sobancelhas escuras e bem desenhadas, que davam novo brilho á expressão dos olhos e de toda a physionomia. O seu nariz afilado, e levemente aquilino recebia realce de uma boca risonha e graciosa. Beatriz tinha uma figura tão gentil e aerea, que mais parecia visão d'alem mundo, que apparecesse para recordar o céu, do que filha dos homens. Era uma dessas meninas, de quem o povo diz: não é para o mundo, é para Deus. A pallidez e a melancolia do seu rosto confirmavam esse dito, e occasionavam as suas amigas terem presentimentos mui tristes sobre ella.

## III

D. Ignez estremecia Beatriz tanto quanto á sua alma era dado amar outra. Uma noite, em que o sr. Hickling a convidára para um dos seus agradaveis saraus, esperava ella, com D. Guiomar de Castro, sua prima e amiga de infancia, que Beatriz se vestisse para a acompanhar a casa do sr. Hickling.

Essas duas senhoras estavam sós, pensativas e silenciosas. Conservaram-se assim por algum tempo, até que D. Ignez se voltou para a prima e lhe disse:

— Muito dá que pensar a uma mãe o futuro de suas filhas.

— Quando ellas são pobres, respondeu D. Guiomar, pois o mundo só lhe offerece perigos, se a fortuna lhes não depára com um marido, que lhes tenha amor, para as esposar e fazenda para as poder estimar, duas cousas, que são bem raras nestes nossos tempos.

D. Guiomar era mãe de seis meninas, filhas segundas, e não acabava, jámais, de entender os cui-

(1) Prescott, distincto escriptor americano, era neto do sr. Hickling, consul da America nos Açores e viveu algum tempo nesta ilha em casa de seu avô.

dados de D. Ignez; esta, porem, vendo que ella a não comprehendera, replicou-lhe:

— Enganas-te muito, Guiomar, em julgar que só a falta de meios é causa de inquietações, quando se trata do casamento de uma senhora. Olha até me parece que mais obrigam a pensar filhas ricas do que as que o não são. A sorte destas depende mais do acaso do que de nós. Se não casam fazem-se esposas do Senhor. Que melhor sorte?!

— Excellente é!!! Mas tu não a quizeste para ti!!!

— Porque Nuno gostou de mim e se casou comigo; comtudo, ainda assim, dei pouco que seismar a minha mãe; e minhas irmãs, que entraram para o convento, tambem a não inquietaram mais. Com a minha filha, porem, não se realisam as mesmas circumstancias. Rica herdeira de um grande morgado, é mister casal-a com um marido da sua qualidade, e a sua escolha pertence-me, e enleia-me sobremaneira. Os tios, com quem cumpria casal-a, para conservar a varonia da casa, são já velhos... Mal D. Ignez proferira estas ultimas palavras, Beatriz, toda sorrisos para sua mãe, para a prima, entrou no quarto, vestida de Branco, e cortou-lhe o fio das confidencias.

#### IV

Poucos instantes depois dessa conversa, que narramos no capitulo antecedente, mãe e filha entravam nos salões do sr. Hikling, onde todas as mãos apertavam as suas, as senhoras pousavam os labios sobre as suas faces, e os cavalheiros as cortejavam com desvanecimento. Um só de entre elles parecia estranho a essas saudações, e era elle, por ventura, o mais gentil de entre os cavalheiros mocos do baile. Encostado a uma das mezas da sala, via, com olhos indifferentes, tudo que ia em torno d'elle, até que, fitando Beatriz, ficou como fascinado pelos encantos da formosa menina. O sr. Hikling, tomando-o pelo braço, quebrou-lhe o encanto d'aquella contemplação muda. O estrangeiro, porem, quando se achou sendo apresentado á morgada, agradeceu do intimo d'alma ao cavalheiro americano o leval-o a ouvir os sons magnificos da voz de Beatriz, que se exprimia com accento mui gracioso na lingua de Dante e Petrarca.

O cavalheiro, que o sr. Hikling apresentára a Beatriz, era um mancebo de 24 annos e de uma estatura elevada. Na sua physionomia lia-se a nobreza do coração, nas suas fórmas a distincção de raça. Os cabellos negros e compridos; as sobrancelhas espessas e bem arqueadas realçavam-lhe a gravidade que lhe era natural. Os olhos escuros, assombrados por pestanas mui densas e longas, tinham uma expressão de ternura e melancolia indizivel. O nariz delicado e aquilino e o bigode, que lhe cobria o beiço superior, acabava de lhe dar um ar nobre e varonil. Chamava-se D. Fernando d'Eça Alt Burg, e era conde de Altamira, Grande de Hespanha de 1.ª classe, e barão de Alt Burg em Allemanha.

O conde de Altamira, D. Fernando, porem, reunia a essas grandezas as do espirito e do coração. Bastantes fidalgos lhe levariam a palma em titulos e riqueza, poucos em illustração e virtudes. Oriundo de uma antiga familia de Hespanha, que se alliára, por varias vezes, com dif-

ferentes casas de Allemanha, possuia os maiores dotes de espirito dessas duas nações. Com grande perspicacia, imaginação mui viva e fogo da mocidade, enlaçava muita reflexão, sensibilidade rara, e vontade inquebrantavel. Em uma das primeiras universidades de Allemanha, das que então mais primavam por lentes abalisados, recebera instrucção superior bem completa, para que havia sido preparado no castello de seu pae pelos desvelos de sua mãe e lições de um mestre, versado em humanidades. Os poetas classicos, os românticos e os phantasticos de Allemanha, haviam-no exaltado e affeito a anhelar por cousas ideaes. Na universidade de... concentrou-se no estudo de Deus e das leis da natureza e do espirito. A todos esses trabalhos se dera com o affan de quem esperava, com anciedade, encontrar nelles um ser ideal, que phantasiava. Imaginação avida de commoções e excitada pelas suas primeiras leituras refocillava-se, de espaços a espaços, da aridez da sciencia, refrigerando a mente nas flores da poesia, ou commovendo o coração em pinturas de scenas de sentimento.

Instantes depois de ser apresentado a Beatriz, tirara-a para uma contradança. Mal esta se acabou, deu algumas voltas pelo salão com Beatriz encostada sobre o seu braço. O conde, ao roçarem-se por elle os vestidos de Beatriz, sentia filtrar-se-lhe para o coração um vago e voluptuoso affecto que, então, nem elle proprio sabia descrever. A sua melancolia assomava-lhe ao rosto mais profunda, ao agradecer a Beatriz a honra que lhe dera, e nesse momento, a dor que se lhe reverberava nos olhos, tornára-se mais acerba. Beatriz, involuntariamente, seguiu-o com os olhos, quando a deixou sentada sobre um canapé; é que aquella tristeza indizivel, que lia no seu par, attraia-a mysteriosamente e dava-lhe já que seismar. Toda a noite do baile sonhou com o conde, cujas penas lhe valeram a sua compaixão. No outro dia poz-se a imaginar qual seria a causa de tamanha consternação; se, por ventura, saudades da patria, ou magoas de amor, e ao pensar neste ultimo motivo pungia-se-lhe o coração.

VICENTE MACHADO DE FARIA E MAIA.

(Continua)

#### O THEATRO DE COVENT-GARDEN EM LONDRES

A presente estampa representa o frontespicio de um dos principaes theatros de Londres, conhecido pela denominação de — *Covent-Garden*.

Nó século XVIII fôra edificado um theatro com esta mesma denominação; mas no dia 2 de setembro de 1808 foi completamente devorado pelas chammas com tudo quanto em si continha; e tão rapido foi o incendio, que ameaçou destruir todas as visinhanças. Pegou ainda o fogo em muitas casas, que ficaram reduzidas a ruinas; e por desgraça, caindo as paredes do theatro, ficaram debaixo dellas vinte pessoas mortas.

Graças á energia da raça anglo-saxonia, não se desperdiçou tempo algum, sem que logo se não tratasse da reedificação do theatro. O incendio occorreu, como dissémos, no dia 2 de setembro de 1808, e logo no dia 31 de dezembro do mesmo anno se lançou a primeira pedra para a construcção do novo edificio. Dentro de dez mezes estava concluida a nova e immensa edifica-



O Theatre do Covent-Garden em Londres.

ção, e em 18 de setembro de 1809 abria-se ao público. O architecto do novo theatre, que actualmente existe, foi Sir R. Smirke.

O frontespicio, tal como a nossa estampa o reproduz, é copiado do templo de Minerva, no Acropolis (parte mais elevada de Athenas); tem um bello portico, e é aformoseado com estatuas e baixos relevos que representam o drama antigo e moderno.

Tanto neste theatre, como no de Drury-Lane ha riquissimas salas, notaveis pelos adornos e pinturas; as decorações são esplendidas; e os espectaculos apresentam-se com uma magnificencia e luxo extraordinarios. O preço das entradas nestes dois theatros é subido, e os espectadores que ali concorrem, vão sempre vestidos com toda a decencia.

Não terminarei esta breve noticia sem recordar uma anecdota que o Visconde de Chateaubriand refere, do tempo em que elle estava desterrado de França. Nessa época, a platéa dos theatros de Londres era turbulenta e grosseira: os marinheiros bebiam cerveja, comiam laranjas, e apostrophavam para os camarotes. Uma noite de representação, ficou Chateaubriand sentado ao pé de um marinheiro, que entrára embriagado. Perguntou-me (diz Chateaubriand) onde estava; disse-lhe que em Covent-Garden; e o marinheiro, tomando de um riso inextinguivel, como os deuses de Homero, exclamou: *Pretty garden, indeed!* (Bonito jardim, na verdade!) Chateaubriand acrescenta: « Mas John Bull, com a sua brutalidade, era melhor juiz das bellezas de Shakespeare, do que esses *dundies*, que agora

preferem as peças de Kotzebue e dos nossos *boulevards*, traduzidas em inglez, ás scenas de *Ricardo III* e do *Hamlet*. »

## A TELEGRAPHIA TRANSATLANTICA

(Continuação de pag. 225)

### IV

No dia 13 de julho de 1866, dia memoravel nos annaes da humanidade, começou o ultimo canto da nova epopéa. Seis eram os navios ancorados na bahia de Valentia. A população congregara-se nos caes e nas ribas do mar para assistir áquella grande festa. Os canhões assentes nas carretas abriam as fauces para festejar e auspiciar a partida dos argonautas. Ouvia-se um rumorejar de esperanças; todos acreditavam vencer emfim o oceano.

O *William-Cory* já tinha cumprido a sua obrigação, e o *shore end* estava no fundo do mar. Abriu caminho o *Terrivel*, veterano daquellas campanhas, ao qual incumbia caminhar na vanguarda, e arredar todos os obstaculos. Na esteira delles, e a pequena distancia, seguia o *Great-Eastern*, cuja prôa gigantea investia denodada as ondas, formando enormes catádupas. A bombordo e estibordo navegavam o *Albany* e o *Med way*, ao passo que na retaguarda ia o *Racoon*.

O sr. Deap, secretario da Companhia Anglo-Americana, escreveu um jornal, aonde consignou dia por dia, hora por hora, todas as peripecias do grande drama, cujo theatre era o oceano.

Facemos alguns excerptos desse diário, cuja simplicidade falla mais alto e com mais eloquencia do que os empolados discursos das academias.

No dia 14 de julho estão os navios no alto mar, a cento e trinta e cinco milhas das costas. Recebe-se um telegramma, no qual o povo irlandez envia á esquadra parabens, e emboras, desejando prosperidades e venturas, a quem trabalha em prol da humanidade.

«O mundo é dos que trabalham» dizia a mensagem.

O cabo dá palavra e meia por minuto.

No dia 15 de julho recebe-se a noticia da marcha de Cialdini sobre Rovigo. A Europa estava em armas; o alarido e a grita das batalhas repercutia-se no oceano, aonde corria travado outro pleito, o da sciencia com a natureza avara.

Nesse mesmo dia recebe-se outro telegramma. São mandados a Veneza commissarios francezes, para apaziguarem os contendores.

A lithographia do navio não pode satisfazer os assignantes do *Great-Eastern-Telegraph*, jornal que apparece duas vezes por dia, e dá todas as noticias da Europa conflagrada.

No dia 16, ao meio dia, navega a expedição a trezentas e setenta e oito milhas de Valentia; o comprimento do cabo desenrolado orça por quatrocentas e vinte milhas. O *Great-Eastern-Telegraph* infunde o espanto e a consternação no animo dos leitores. Appareceu a cholera em Liverpool. Morrem dezenas de victimas; affrouxa-se o commercio; receia-se tremenda crise. Grande incendio em Postland, que devora, em um momento, grandes riquezas. Marchas na Italia e na Allemanha. Os exercitos aguerridos das tres potencias preparam-se para novos combates. A Italia exige Veneza sem condições. Na cabeça do jornal publica-se a hora do observatorio astronomico de Greenwich, que o *Great-Eastern* transmite, por meio de signaes convencionaes, aos navios que vogam de conserva. Rectifica-se a longitude pela differença das horas.

No dia 17 acaba-se a porção do cabo, que ficará de 1865. É formosa e limpida a noite. Nem uma nuvem no céu. As ondas deslisam mansamente, e a brisa geme na solidão. O spectaculo da natureza é magnifico. Reina a alegria, impera a esperança no coração de todos.

Dia 18. Corre tudo de feição até as cinco horas e meia da tarde. Ouve-se então o signal de alarme; toca a campainha. Estaca o navio; todos estão nos seus postos. O capitão Anderson, cabellos ao vento, rosto placido e severo, inquire novidades. Foi rebate falso. Reina outra vez a alegria. De noite ergue-se de novo a voz de alerta. Embarçaram-se cento e cincoenta metros de cabo; teme-se uma ruptura. Mudou o tempo. Sopra o vento com violencia rondando pelo sul. São apertadas as circumstancias. Tomam-se todos os cuidados. Preparam-se boias e cordas. O capitão Anderson sempre activo e energico não deixa o leme, e anima com palavras e exemplos os marinheiros, que tressuam á porfia. O engenheiro Can-

ning não sossobra. Desenrola-se, emfim, o cabo; desfaz-se a meada. *All's right*, clamam todos entusiasmados. Tudo se salvou! Estamos escapos! E officiaes e marinheiros mostram o seu contentamento dando e recebendo *shake-hands*, de que engenheiros e artifices não são menos prodigos.

Trabalhoso corre o dia 19. O mar ainda se ostenta encapellado. Desappareceu o *Terrivel* no denso nevoeiro, e o cabo deslisa, quasi ao acaso por quatro mil metros de profundidade.

Dia 20 Abonança-se o mar; aclara-se o tempo. Não houve desvio na marcha; seguiu-se um caminho paralelo ao de 1865, cousa de cincoenta kilometros para o sul. O fio sae já do reservatorio d'avante. Chegou-se ao sitio aonde, no anno passado, se rompeu o cabo. Palpitam todos os corações de emoção e receio.

Nos dias seguintes não occorre novidade. É perfeito e completo o isolamento do cabo. A tensão não excede os limites calculados, apesar das grandes profundidades. O mar está esplendido. Recebem-se noticias da Europa. O sr. Field pede noticias da India e da China, as quaes chegam directamente.

Começam outra vez os nevoeiros. Difficil e perigoso é o caminho. O *Terrivel* fende as brumas do oceano, e vae esclarecer a marcha. Ouve-se ao longe o silvar da machina.

Dia 27, ás oito horas da manhã. Terra! grita o gageiro da proa. É *Heart's Content* (alegre de coração), magnifica fragata americana, toda empavesada de flamulas e galbardetes, que vem receber na terra hospitaleira da America, os navegadores, nuncios de boas novas. Confundem-se e abraçam-se as bandeiras das duas nações. A America está na Europa, a Europa está na America. Acabou-se o oceano; atravessou-se o abysmo; venceu-se o pleito. A sciencia é mais do que uma palavra.

Quando vibrava nas ondas e em terra o grito triumphal, que commemorava o acontecimento com que o mundo se congratulava, o capitão Anderson, que nunca havia trepidado, apesar de levar no seu navio, não os destinos de Cezar, mas os de uma gigantea empreza, tremeu ao interrogar o horisonte.

Ao longe, impellida pelo vento, corria uma grande massa esbranquiçada. Eram os montes de gelo, que a mão da providencia, a mão amoravel, que protege o homem nas cousas justas, havia afugentado.

Horas antes, a expedição seguiria o cabo transatlantico ao fundo do mar.

No dia 27, quasi á mesma hora em que o cabo transatlantico saia das vagas para se entranhar pela America, feria-se na Allemanha o mortifero combate de Nachor, terrivel e sangrento prelude da carnificina de Sadowa.

Na Europa decidia a *ultima ratio regum* dos destinos de muitos milhões de homens; no oceano, nesse vasto campo da humanidade, nesses plainos findos, aonde se reflecte o olhar de

Deus, e a liberdade encontra o seu augusto symbolo, cumpria-se a promessa da sciencia!

Na Europa voltava-se á barbarie. O troar dos canhões calava a voz dos povos. A bayoneta decidia das contendias. No oceano, lá iam aquelles nautas audazes, caminheiros da civilisação, desenrolando e mergulhando o fio salvador, um desses fios de Ariadne, que conduzem e guiam a humanidade no labyrintho de seus destinos. Aqui, vencidos e vencedores ficavam retinctos de sangue; além só houve vencedores, os quaes, inultos e intemeratos, encontraram nos seios potentes da natureza e na mão do Creator força e gloria, assim como no reconhecimento dos povos e nos bronzes da historia acharão fama perduravel e immortal.

O engenheiro da expedição, como um daquelles varões fortes, de que falla Horacio, furtando-se ás ovações e triumphos, poz a pròa ao mar e tomou caminho da Europa. Chegado que foi ao alto mar o *Great-Eastern* que levava na vanguarda o *Terrivel* e o *Albany*, estacou. O mar bramia com furia, e as ondas açoutavam o costado dos navios.

Os engenheiros, firmes no seu posto de batalha, aprestavam-se para deitar ao mar enormes fateixas e arpéos.

Qual o intento daquelles homens invenciveis? Qual a idéa que os instava a reluctarem outra vez com as ondas? Qual o thesouro que vinham buscar no fundo do oceano? Quaes os novos perigos, que elles vinham buscar, em vez de os refugirem?

Só elles o sabiam. A America e a Europa absortas debalde se interrogavam mutuamente.

E, comtudo, o thesouro que elles vinham buscar, era mais um desafio á natureza e um dementido a certos sabios demasiado timoratos e de estreitos horisontes.

Passados quatro dias depois que os arpéos foram lançados alevantou-se um *hurrah* phrenetico e clamoroso, que estrondeou os ares e reperculio na immensidão.

O fio de 1865 chegára á tona de agua involto em vasa amarellada; mas os arpéos deixaram-no escapar immediatamente. Quatro vezes, depois do dia 17 de agosto, se repetio a operação; e quatro vezes saíram baldados todos os esforços.

O *Albany*, o *Terrivel* e a fragata *Medway* julgaram tambem terem fígado o conductor; mas depressa vinha o desengano decepar esperanças, que pareciam bem fundadas.

Repetiam-se as tentativas com audacia e inquebrantavel denodo, e no dia 27 ponde o *Albany* guindar o cabo e amarral-o a uma boia; mas ao tempo que todos se congratulavam de haverem, enfim, alcançado o epilogo dos seus trabalhos, conheceram que, cuidando terem encontrado o cabo, apenas acharam um fragmento d'elle.

No dia 30 de agosto foi o *Terrivel* buscar provisões e cordame á Terra-Nova.

No dia 31 indicou de repente o dynamometro uma forte tensão, de sante de nove tonelladas. No dia primeiro de setembro estava o cabo a oitocentas braças de profundidade, passada uma hora ficava

amarrado a uma boia. A tensão dynamometrica chegou a onze tonnelladas.

A fragata *Medway* tambem conseguira levantar o cabo.

No dia 2 de setembro, á uma hora da tarde, começou-se a içar o fio para bordo do *Great-Eastern*. Trabalhadores, cingidos por cordas, mergulhavam a meio corpo e enrolavam estopas e cordas em volta do cabo, para que podesse ser içado para o navio. Restava saber se o enorme fio, que havia jazido um anno nos seios do oceano, estava intacto e sem avarias. Essa a questão essencial que convinha resolver sem detença, porque se o cabo estivesse arruinado, baldados foram todos os trabalhos dignos dos cyclopes, que custou o levantamento d'elle.

Se o cabo, conforme affirmavam certos pessimistas, que formigam por toda a parte e andam sempre a noticiar desgraças, deixasse escapar a electricidade, em virtude da corrosão das aguas, de nada serviria, ou tão difficil seria o remedio, que fora melhor deital-o outra vez ao mar.

Por isso era para ver como o estado-maior da expedição, os srs. Cyro Field, Clifford, Thomson, Gooch, capitão Hamilton etc., aguardavam o momento em que o antigo cabo communicasse com osapparelhos telegraphicos. Operada que foi a junção pelo sr. Willoughley Smith, telegraphista em chefe, vio-se que o cabo estava em excellentes circumstancias, e que o mergulho de um anno, longe de lhe avariar a contextura, lha melhorou.

O sr. Canning telegraphou logo para o sr. Glass, director da companhia, dando-lhe tão feliz, quão inesperada nova, e mandando soldar o cabo antigo ao outro complementar que trazia de sobrecelente, singrou a armada outra vez para a America, a qual ficou unida á Europa por dois cabos.

Assim respondeu a sciencia a alguns dos seus cultores demasiado meticulosos e especulativos, que affirmavam com emphase e em tom dogmatico a impossibilidade da união telegraphica dos dois continentes.

Em uma das sessões da Academia das Sciencias de Paris, exclamou o sr. Babinet, o mesmo que, ha ainda poucos annos, fez tão grande *fiasco*, por causa do cometa de Carlos V e do phomemo das grandes marés, que o cabo transatlantico só tinha poucas horas de vida. Para que a sciencia não perdesse tudo em tão arriscada e louca jornada, dizia o sr. Babinet, bom seria que se determiniasse a differença de longitude entre a America e a Europa.

— Exiguo dividendo para os accionistas! redarguiu o sr. Morin, homem de são conselho e bom juizo, que, não ha muito tambem, voltou costas e excommungou um moço distincto, que teve a loucura de impugnar a velha theoria da elasticidade dos corpos.

Pois não foi esse o unico dividendo dos accionistas.

Sucedem-se os despachos, cujo preço desceu de 500 francos a 250, ou de 900:000 reis a 45:000,

sendo que este preço, ainda excessivo, ha de diminuir.

Fazendo um calculo rasoavel a companhia conta resgatar o capital no fim de dois annos.

O sr. Babinet deve tambem estar contente. A differença da longitude já foi determinada e achou-se que era igual a  $4^{\text{h}} 53^{\text{m}} 18^{\text{s}}$  93.

#### DESAFOGO

Se é dado á floresta soltar suas queixas,  
se ás ondas é dado nas praias cuspir;  
se é dado á avesinha com ternas endeixas  
as magoas que sente no ar expandir;

se os prantos são dados á fulgida aurora,  
murmúrios á fonte, suspiros ao vento,  
se tudo pranteia, se tudo se chora,  
se a todos é dado soltar um lamento;

se é dado ao incendio que lavra escondido  
numa hora de allivio as chaminas erguer;  
se é dado a quem ama soltar um gemido,  
se é dado a quem soffre seu pranto verter;

por que heide no mundo só eu ser captivo  
das duras algemas que a sorte me dá?  
As magoas que eu soffro não tem lenitivo,  
não ha quem acolha meu pranto, não ha!

Coimbra

A. X. DE SOUSA CORDEIRO.

#### SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

**Elementos de Arithmetica, redigidos em conformidade com o programma official de Lyceus.** por Miguel Archanjo Marques Lobo, bacharel formado em Mathematica, Philosophia e Medicina pela Universidade de Coimbra, e professor de Mathematica e Introducção a Historia Natural.

Abundam os livros destinados ao ensino escolar, e, comtudo, pôde-se dizer afoutamente que rareiam os bons compendios didacticos, que juntem á clareza o methodo, e ao methodo a ordem, melhor disposição e filiação racional das doutrinas. São a maioria dos compendios, maiormente os de mathematica, um acervo, quasi sempre confuso, de demonstraões desordenadas e desconnexas que, longe de guiarem e educarem o espirito juvenil do estudante, lançam-no em perpetuas hesitaões, e obrigam-no a desconfiar de si mesmo, e duvidar dos proprios recursos.

Nada peor do que uma demonstraão obscura, uma demonstraão que não demonstra. O estudante, que jura nas palavras do compendio e terá por mais facil negar a existencia do sol do que a sabedoria do mestre, trata de decorar, sem comprehender, e sobrecarrega a memoria com o que é pertença unica e exclusiva do entendimento ou raciocinio.

Grande mal é este pelos effeitos funestissimos que produz.

O estudante resentir se-ha deste vicio da primeira educação, e servil sempre ás formas e convenções preestabelecidas, jámais concorrerá para o progresso e adiantamento da sciencia, ainda que a natureza para tanto o houvesse fadado. É assim que se mantem o espirito rotineiro e o servilismo scientifico; é assim que se explica a reluctancia de grande numero de alumnos talentosos para sciencia, mal obtcem as suas cartas; é assim que a boa rasão está evidenciando a falta de homens pesquisadores e inventores.

Para inventar é mister originalidade, e esta não se coaduna com o servilismo.

Melhor é que o alumno desconfie do livro do que das proprias faculdades; muito melhor é, porem, que não desconfie nem de uma nem de outra cousa.

Para se obter este *desideratum* são os bons livros, os compendios que sejam claros, methodicos, redigidos conforme uma lei philosophica e racional, de sorte que as doutrinas se concatenem, os theoremas se deduzam naturalmente uns dos outros, e as proposiões se filiem entre si, por uma successão necessaria. Esta a belleza e superioridade da mathematica. Convem que o alumno para logo se compenetre dos caracteres distinctivos das sciencias que vae estudar, e que nos primeiros tentames saiba os modos porque pôde vencer certas difficuldades e estranhezas, que confrangem, mais ou menos, todos os espiritos, por atilados e vivos.

Foram nos suggeridas estas reflexões, que ahi ficam exaradas ao correr da penna, pela leitura perfunctoria e rapida do livro do sr. Miguel Archanjo, cujo titulo é a epigraphe deste pequeno artigo.

Dizer que o auctor logrou satisfazer a todas as condiões de um livro sem reproche, é encomio exaggerado. Dizer, porem, que o seu livro é dos melhores que tenho lido sobre a materia, e que o auctor, quando o escreveu, não foi á lóá, antes já havia traçado um plano e delineado um corpo de doutrina, é verdade, que convem dizer.

O sr. Miguel Archanjo, sujeitando-se aos programmas adoptados e approvados, achou ainda ensanchas por onde talhar á folga boas e claras demonstraões com que os alumnos muito hão de aproveitar.

No estudo dos numeros ha sempre uma grande difficuldade: é a restricção do symbolo a brigar com o algorithmo. Ora, se a esta difficuldade juntarmos a obrigação que assiste aos auctores dos compendios de não acceitarem certas idéas que, com serem fundamentaes, são reservadas para as mathematicas superiores, concluiremos que fazer uma arithmetica elementar é obra sobremaneira difficil. Como tratar, por exemplo, da incommensurabilidade sem acceitar a idéa dos limites e dos infinitesimales? E, todavia, a incommensurabilidade é uma idéa trivialissima e não pertence á arithmetica superior.

A sciencia dos numeros ainda não teve o seu Newton, apesar dos grandiosos esforços de Gauss e seus successores, entre os quaes se conta um portuguez benemerito e um grandissimo talento, o sr. Daniel da Silva.

Em conclusão. Não pretendemos fazer o elogio critico do livro elementar do sr. Miguel Archanjo. Agradou-nos a leitura delle; achámos excellente a deducção das doutrinas e clarissimas e philosophicas as demonstraões.

Em livros elementares são estas as qualidades que devem recommendal-os.

Por isso recommendamos tambem os *Elementos de Arithmetica*, e havemos que o Conselho Superior de Instrucção Publica ha de seguir igual parecer.

Como acima dissémos, nada peor do que um máo livro elementar, porque o seu influxo ruim nunca se perde.

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.